

Linguagens interdisciplinares em aulas práticas de fotografia: experiências no curso de comunicação social**Interdisciplinary languages in practical photography classes: experiences in the social communication course**

DOI:10.34117/bjdv6n8-044

Recebimento dos originais:08/07/2020

Aceitação para publicação: 07/08/2020

Danilo Andrade de MenesesInstituto de Educação Superior da Paraíba - IESP/FATEC (Comunicação social)
e-mail: danilo.eletrof@gmail.com**Lilian Maria do Nascimento Pereira**Instituto de Educação Superior da Paraíba - IESP/FATEC (Comunicação social)
e-mail: lilianmari.25@gmail.com**Thyanne Gomes da Silva**Instituto de Educação Superior da Paraíba - IESP/FATEC (Comunicação social)
e-mail: thyanne_gomes96@hotmail.com**Luiz Carlos Serramo Lopez**Universidade Federal da Paraíba (Neurociência Cognitiva e Ecologia Comportamental)
e-mail: lcslopez@gmail.com**RESUMO**

Há muito tempo vem se discutindo a arte como um tipo de linguagem, já que elementos expressivos colocados em sequência podem revelar uma narrativa. Diferente da linguagem escrita e falada que aprendemos no processo educacional, a arte visual se utiliza do conhecimento intuitivo, que Michael Polanyi vem a chamar de conhecimento tácito. A aquisição do conhecimento em aulas de arte, como a fotografia, pode ser melhor apreendido com múltiplas linguagens artísticas. Utilizamos esse intercâmbio de linguagens em uma aula de fotografia referente ao estudo de sombras, onde o desenho foi incorporado, e uma aula sobre o uso de cores na fotografia, onde o conhecimento de direção de arte, design e cinema foram incorporados. Objetivamos que essas múltiplas linguagens possam fornecer uma maior compreensão do ensino de fotografia para outros cursos que se utilizam da fotografia como o design, a arquitetura, o cinema e a gastronomia. Como o ensino de fotografia exige a passagem do conhecimento tácito para o aluno, justificamos que esse artigo traz subsídios para a docência nessa disciplina. Dentre os principais teóricos utilizados nesse trabalho estão Claudio Saiani (2004), que relata o valor do conhecimento tácito de Michael Polanyi na educação; Nick Sousanis (2017) com a primeira tese de doutorado (em educação) publicada no formato de quadrinhos, onde ele discute como múltiplas linguagens complementam o processo imaginativo-criativo; E Ana Cândido Moraes (2016), que traz contribuições sobre interdisciplinaridade e criatividade na educação.

Palavras-chave: Fotografia, Ensino, Interdisciplinaridade, Criatividade, Conhecimento tácito.

ABSTRACT

Art has been discussed for a long time as a type of language, since expressive elements placed in sequence can reveal a narrative. Unlike the written and spoken language that we learn in the educational process, visual art uses intuitive knowledge, which Michael Polanyi comes to call tacit knowledge. The acquisition of knowledge in art classes, such as photography, can be better learned with multiple artistic languages. We used this exchange of languages in a photography class related to the study of shadows, where the drawing was incorporated, and a class on the use of colors in photography, where the knowledge of art direction, design and cinema were incorporated. We aim that these multiple languages can provide a greater understanding of the teaching of photography for other courses that use photography such as design, architecture, cinema and gastronomy. As the teaching of photography requires the transfer of tacit knowledge to the student, we justify that this article provides subsidies for teaching in this discipline. Among the main theorists used in this work are Claudio Saiani (2004), who reports the value of Michael Polanyi's tacit knowledge in education; Nick Sousanis (2017) with the first doctoral thesis (in education) published in comic book format, where he discusses how multiple languages complement the imaginative-creative process; And Ana Cândido Moraes (2016), who brings contributions on interdisciplinarity and creativity in education.

Keywords: Photography, Teaching, Interdisciplinarity, Creativity, Tacit knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo nós trazemos a proposta de que outros tipos de linguagem contribuem para o ensino da linguagem visual fotográfica e que existem relações estreitas entre arte e linguagem. É sabido que desde os primeiros rascunhos nas cavernas o homem tenta se comunicar com imagens. Mesmo que esses desenhos tenham características oníricas e ritualísticas, eles denotam a comunicação com entidades superiores ou com o próprio inconsciente humano. É a partir de um extenso período de padrões geométricos feitos em vasos do neolítico que surge a primeira escrita, chamada de escrita cuneiforme. Em uma das civilizações mais antigas da humanidade, que é o Egito, a escrita é estritamente ligada com à arte visual (FARTHING, 2011). Isso é rompido com a síntese grega e, como o ocidente tem uma cultura extremamente influenciada pelo pensamento grego, essa ressignificação de linguagens híbridas - a saber, visual e escrito - pode ser um resgate valioso para a educação contemporânea.

Esse tema é tratado no quadrinho *Desaplanar*, de Nick Sousanis (2017), a primeira tese de doutorado em educação transformada em quadrinhos, na qual o autor se questiona sobre a possibilidade de intercomunicação entre as linguagens visuais e escritas. Para que exista essa percepção de convergência entre múltiplas linguagens é necessário o movimento criativo da imaginação, convidando o leitor a pensar fora do plano tradicional. Daí o nome *desaplanar* – sair do plano basal. Esse ponto de vista pode ser aplicado tanto para os alunos para o professor. Para este, no sentido de apreender outros conhecimentos que possam ser aplicados na sua disciplina a fim de somá-los para uma melhor didática e desempenho do ensino-aprendizagem; para o aluno,

criando uma possibilidade enriquecedora de ver um conteúdo sobre outros pontos de vista, em outras perspectivas. Um dos capítulos do quadrinho trata-se da forma como pensamos.

Curiosamente, a história da fotografia nasce entre arte e ciência. Da arte porque o desenhista Joseph Niépce, conhecido por revelar a primeira foto, utilizava uma câmera escura para copiar desenhos e tentava desenvolver um método químico para fixar imagens. Ele então usa o processo de fixação, descoberto por Schutz, um cientista do corpo humano (anatomista), finalmente conseguindo fixar uma imagem estática, vista do seu telhado. O empreendedor Daguerre, que futuramente se tornara sócio de Niépce (HACKING,2013), estudava a fotografia aplicando o conhecimento *tácito*¹. Isso quer dizer que muitas vezes dentro de uma única arte utilizamos uma multiplicidade de linguagens.

Se a fotografia foi criada nesse mundo multidisciplinar é possível que outros tipos de linguagens possam auxiliar o seu entendimento. Além disso, é sabido que o conhecimento da ótica, que é uma linguagem científica da física, ajuda no entendimento da fotografia. A linguagem emocional da compreensão do ser humano, por exemplo, é muito útil no ensaio fotográfico para se antecipar um clique certo na captura de uma grande foto. A mesma linguagem emocional pode servir para dirigir uma modelo ou um casal de noivos em um ensaio. Também pode ser usada para entender qual é o melhor posicionamento do fotógrafo em uma determinada situação. Nesse caso, algo que quase nunca é dito é que a fotografia também exige conhecimentos da psicologia. Em festas infantis, brinquedos extremamente coloridos e muitas vezes animações digitais podem ser atraentes para despertar sorrisos de crianças, assim como a sua atenção. Do ponto de vista da natureza também é interessante conhecimentos de meteorologia para o fotógrafo, pois saber se vai chover ou não em determinado horário pode influenciar na iluminação do local e nos equipamentos que ele pretende usar. Em termos de geografia, outra ciência da natureza, é interessante saber até onde mesmo o fotógrafo vai pisar ou colocar um casal de noivos para conseguir uma foto ideal. De acordo com o local, a luz que incide sobre determinado terreno geológico pode mudar a cor do ambiente e das roupas da modelo, assim como a luz de um flash pode ser muito absorvida ou muito refletida. Isso que pode embelezar ou empobrecer uma fotografia. Conhecimentos sobre movimento do corpo, como a cinesiologia², também são úteis. Assim como o conhecimento de equipamentos eletrônicos, onde a própria câmera fotográfica já pode fazer as primeiras modificações de edição.

¹ Ver secção 4.1

² Estudo do movimento do corpo.

2 OBJETIVOS

Objetivamos que múltiplas linguagens possam fornecer uma maior compreensão do ensino de fotografia.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar a importância e percepção da interdisciplinaridade nas aulas teórico-práticas de fotografia referentes ao uso de sombras e cores, separadamente.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa exploratória. Através de entrevistas entregues aos alunos por meio virtual, objetivamos adquirir informações de cunho qualitativo. Cada questionário foi formulado com quatro perguntas e enviado para turmas de Fotografia Básica e Fotografia Avançada do Instituto de Educação Superior da Paraíba. A “Avançada” trata-se do conhecimento aplicado da fotografia na comunicação social, diferenciando-se da básica pelo estudo da fotografia dentro do estúdio fotográfico. A última pergunta foi feita especificamente para a turma de fotografia avançada, pois se referia a uma aula que apenas eles tiveram, referente ao uso do desenho para a identificação de sombras em iluminações características chamadas *Rembrandt* e *Paramount*. Nessa aula, quatro alunos foram fotografados previamente e em seguida, as fotos foram transformadas em desenho, impressas em folha do tipo ofício A4 e entregues a cada aluno. Nesse mesmo dia, cada aluno teve que levar um lápis 6B para o uso de preenchimento de sombras que estavam vendo, já que agora os colegas que foram fotografados previamente estavam pousando com as iluminações *Rembrandt* e *Paramount*³. Então, através da observação ao vivo na referida iluminação, o aluno deveria preencher com sombreado à lápis as sombras que ele visualizava no colega à sua frente.

Uma aula sobre o uso de cor na fotografia de estúdio também foi questionada para a turma de Fotografia Avançada. Para essa última foi ensinado previamente os conceitos de cores envolvidos no *design* e na *pintura*. Explicaremos esses conceitos com mais detalhes na fundamentação teórica desse trabalho. A nossa hipótese aqui era que os alunos utilizariam o conhecimento trazido por estas linguagens na aula prática sobre fotografia com cores.

As perguntas referidas previamente, que foram entregues a cada uma das turmas foram as seguintes:

³ Ver secção 4.3

Questão 1 :Ao fotografar atualmente, você tem usado algum conhecimento que aprendeu na aula de fotografia?

Questão 2: Quão inovadoras são as aulas de fotografia?

Questão 3: Você percebe que o professor de fotografia usa conhecimentos que não são de fotografia, mas mesmo ajudam nas aulas? Se sim, quais?

A pergunta número 4 foi destinada apenas aos alunos de fotografia avançada:

Questão 4: Você acha que as aulas de desenho ajudaram a perceber melhor as sombras?

E a aula de cor ajudou a utilizar melhor as cores na fotografia?

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Quando ensinamos fotografia para os alunos, se falando da compreensão de uma câmera profissional no módulo manual, nem sempre é tão simples ensinar como pensar fotograficamente. É necessário, a princípio, ensinar como se manuseia uma câmera fotográfica. E nesse caso é um conhecimento bastante técnico e científico. Enquanto isto é ensinado, faz-se necessário entender o que é um ambiente ou um objeto bem iluminado. Em fotografia usamos o termo *boa exposição*. Porém, por mais que o professor esteja bem treinado nesse patamar, ele precisa entender os conhecimentos que não estão em livros, que não estão em vídeos do *youtube* e que também não estão nas redes sociais. Esses conhecimentos aos quais me refiro são conhecimentos que podem ser aprendidos através da intuição do fotógrafo, que o Michael Polany chama de conhecimento Tácito.

4.1 O CONHECIMENTO TÁCITO NA FOTOGRAFIA

Para Polany, a subjetividade pode gerar conhecimento. E conhecimentos ligados ao mundo da sensibilidade, da estética e da prática moral podem produzir informações importantes para a realidade do indivíduo que não estariam disponíveis na lógica do mundo exterior. Essa visão de mundo traz um paralelo à sociedade marxista e impõe um fator importante de como é a relação humana de percepção do tempo ou de dar tempo à percepção, para que o indivíduo se perceba como o humano e estabeleça capacidade intuitiva, que pode ser um fator de suma importância no mundo que é regido apenas pelo conhecimento científico (SAIANI, 2004). O uso da intuição na aprendizagem permite que indivíduo olhe para dentro de si e olhe para o mundo com um olhar de alteridade. Os conhecimentos básicos para se manusear uma câmera fotográfica não estão reduzidos à compreensão técnica da máquina. O aluno deve aprender de forma tácita como melhor posicionar o seu corpo para captar os eventos do mundo externo. Isso não pode ser ensinado pelo professor. O

aprendiz deve reconhecer sua experiência de atuação no mundo, fenômeno que o Francisco Varela chama de cognição incorporada (VARELA et al, 2003).

Vale lembrar, ainda no tocante ao ensino de fotografia, que é possível que um conhecimento tácito também possa ser repassado pela linguagem acadêmica, como estamos escrevendo agora nesse artigo. A música, a privação sensorial, o conhecimento de cores (da tintura ou do design), o pensamento narrativo do cinema, a sutileza dos gestos do mundo da moda, tudo isso pode ser aplicado em uma aula de fotografia para melhorar a relação do ensino-aprendizagem. A princípio, pode ser mais fácil que as linguagens da arte sejam mais bem aceitas dentro da própria arte fotográfica. Mas também é possível que linguagens científicas e até filosóficas possam ser usados na aplicação de uma foto. Cartier Bresson falava que “*Ver é um todo*”, o que significa que, para que uma fotografia jornalística, por exemplo, entender o ângulo que o fotógrafo capta uma classe minoritária poderia ser melhor realçado se o fotógrafo entendesse a natureza pela qual aquela classe é minoritária, ou seja, ele necessitaria de um conhecimento filosófico (CARTIER-BRESSON, 2015). Não estamos dizendo, assim, que o fotógrafo necessariamente exerce um ponto de vista tendencioso. Da mesma maneira o fotógrafo também não pode ser imparcial, já que toda ação no mundo exige uma intencionalidade, como diria Husserl (VARELA et al, 2003). O que ele poderia fazer seria captar o mundo com uma consciência mais diversificada, uma consciência qualitativa. Um bom fotógrafo, então, necessita de conhecimentos da arte, da ciência e da filosofia. E uma visão holística do mundo contribuí para o conhecimento tácito usado na fotografia.

4.2 LINGUAGENS QUE PODEM AUXILIAR O MUNDO DA FOTOGRAFIA

A foto por si só é um produto transdisciplinar, já que ela exige uma gama de conhecimentos além do manuseio da câmera. A saber: um conhecimento científico para o ajuste do diafragma, ISO e velocidade e também um conhecimento artístico, já que envolve a intuição do fotógrafo para ajustar a postura do corpo e captar determinado ângulo, ou quando ele deve cortar uma foto posicionando sua câmera para isso. Do ponto de vista tácito, sabe-se que a iluminação também pode transmitir emoções. E é através do sentido artístico que o fotógrafo pode controlar essa informação. Em relação às linguagens que podem auxiliar a fotografia nós temos, por exemplo, o desenho. Que traz o conceito de perspectiva de *Linha do Horizonte* (ANDRADE, 1987), no qual nós devemos posicionar a câmera fotográfica um pouco mais para cima ou para baixo de forma que a linha do horizonte nunca fique dividindo a foto em 50% dos planos. Muitos ângulos na fotografia foram retirados da observação de pintores clássicos.

Fig.1 – *A expulsão do templo*. Quadro do pintor El Greco, 1600.

As cores são informações visuais que são percebidas pelos olhos e decodificadas pelo cérebro realizando assim o que hoje aplicamos em nossas expressões humanas (GUIMARÃES, 2000). A linguagem em que utiliza da cor, a pintura, também tem ligações pertinentes em relação à fotografia. *El Greco* (Fig.1), por exemplo, utilizou a *configuração triangular* preenchendo as vestes dos personagens marcados em 1, 2 e 3 com o mesmo tom, de forma a construir um triângulo imaginário. A forma como o olho passeia pelos amarelos pardos potencializa o gesto de expulsão promovido pelo personagem central do triângulo, Cristo (ARHEIN, 2005.p.81).

Outra forma que o conhecimento de cores pode ser útil na fotografia é através das possibilidades harmônicas do círculo cromático, como as cores complementares: cores opostas no círculo possuem maior harmonia visual, oferecendo maior contraste para o olho humano (Fig.2 à esquerda); ou as cores análogas: as cores que ficam à direita e à esquerda da cor que se deseja combinar. Na fotografia da Fig.2 (à direita) temos uma relação análoga entre as cores vermelho e azul claro. A cor vermelha, para alguns autores é complementar ao azul (GUIMARÃES, 2000), para outros ao verde (BANKS & FRASE, 2012).

Fig.2 – À esquerda: Circulo cromático evidenciando as cores complementares e cores análogas. À direita: Fotografia de still do filme *Assassinos por natureza*, de Oliver Stone, mostrando a relação de complementariedade entre o vermelho e o azul da cena. Retirado de: <http://mentalfloss.com/article/67549/13-fascinating-facts-about-natural-born-killers>



O conhecimento de mundo (tácito) do fotógrafo também pode ser relevante para destacar fotografias. Por exemplo, o conhecimento de um local onde uma fotografia ficaria mais bonita de acordo com determinada iluminação, ou utilizar inteligência emocional para fazer com que os modelos fiquem mais à vontade diante dele. Sendo assim, o uso da emoção e da sensibilidade também podem agregar significados à fotografia. Essas linguagens do mundo não visível não deixam de ser úteis e também não deixam de ser linguagens apenas porque não existem manuais para utilizá-los. Isso reforça minha afirmação que o modo de se aprender fotografia pode ser repassado de forma interdisciplinar.

Outro conhecimento tácito exigido do fotógrafo é a percepção de sombras no ambiente e nas pessoas. Na fotografia de estúdio, duas das iluminações mais conhecidas são a *Paramount*, que se caracteriza por sombras suaves nas laterais do rosto do modelo e intermediárias abaixo do nariz, boca, pescoço e sobrancelhas (Fig.3 à esquerda) a partir de uma única fonte de luz vinda de cima do modelo; e a iluminação *Rembrandt*, que se caracteriza pela formação de sombras intermediárias vinda de uma fonte de luz à 45°, superiormente ao modelo, de forma que encontremos um triângulo (imaginário) invertido de luz na lateral do rosto contrária à fonte de luz (Fig.3 à direita) (GREY, 2010).

Fig.3 – Fotografias com iluminações Paramount (à esquerda) e Rembrandt(à direita) com a turma de fotografia avançada.



5 RESULTADOS

As aulas de fotografia básica começam com o reconhecimento da cor no cotidiano. A prática sugerida foi que os alunos fotografassem com seus próprios celulares, de forma a colorir as imagens com papel celofane, como podemos observar na Fig. 4, A e B. Nessa atividade, cada grupo de alunos utilizou o celofane com estratégia visual diferente. O grupo citado nestas imagens era composto por cinco meninos e escolheu a cor rosa para iluminar uma menina. Desde já percebemos uma forte relação da simbologia das cores aplicada à cultura. Após uma aula teórica sobre cores ⁴, com os conceitos citados na seção 4.2, os alunos foram convidados a pintar desenhos com lápis de cor, como pode ser demonstrado na imagem C, na Fig. 4. Podemos observar a pintura de uma aluna que distribuiu espacialmente as cores violeta e amarelo, que são complementares, e vermelhos com verde/azuis também complementares. Essa aluna além de ter aprendido o conhecimento da aula se utilizou do conhecimento tácito para distribuir harmonicamente as cores na folha criando sua própria paleta no desenho.

⁴Nessa aula teórica foi passado o filme *La La Land*, de forma que várias cenas do filme foram pausadas enquanto se demonstrava a relação de complementaridade e analogia das cores. As linguagens interdisciplinares usadas nessa aula foram o cinema, o design e a pintura.

Fig.4 – Atividades sobre o conteúdo *cores na fotografia* propostas para os alunos de Fotografia Básica.



Na aula sobre sombras, para a turma de fotografia básica, foi pedido que os alunos trouxessem objetos que fossem perfurados de forma que a luz pudesse ser transpassada, como a tampa de ventiladores ou folhas de palmeiras. Alguns alunos além de tirarem fotos criativas conseguiram também construir objetos criativos, como na imagem à esquerda da Fig. 5, onde um aluno construiu um artefato de papelão que simulou sombras criadas por folhas de palmeiras.

Fig.5 – Atividades sobre o conteúdo *sombras na fotografia* propostas para os alunos de Fotografia Básica.



A aula sobre sombras da turma de fotografia avançada foi mais elaborada (Fig.6). Nessa situação, os alunos tiveram que preencher de forma sombreada, desenhos que foram construídos (no *photoshop*) e impressos a partir de fotografias tiradas antecipadamente dos modelos. No dia da aula, as iluminações *Rembrandt* e *Paramount* foram colocadas sobre os modelos (alunos de quem tiramos

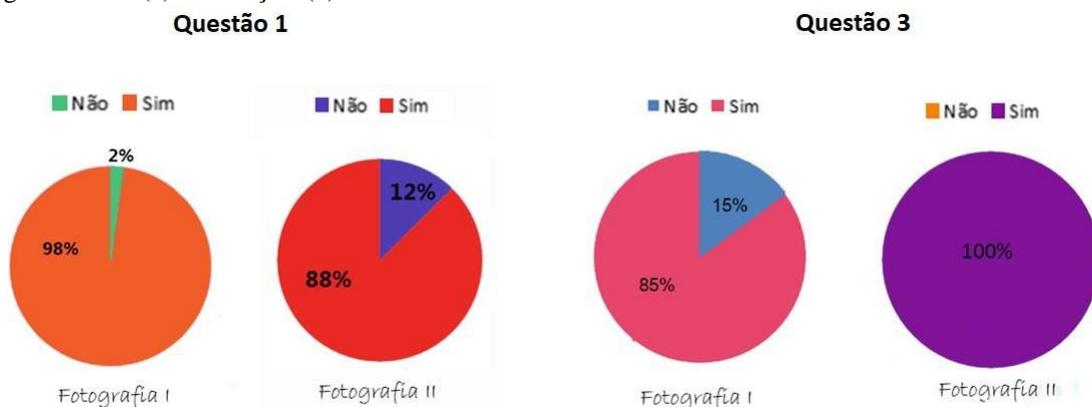
as fotos anteriormente) para que a turma sombreasse os desenhos de acordo com o que estavam vendo, de forma a perceber a diferença dessas iluminações.

Fig.6- Registros da turma de *fotografia avançada* sombreando os desenhos impressos em folhas A4 feitos à base de fotografias captadas previamente dos modelos que no dia da aula, pousaram ao vivo.



Em relação às respostas dos questionários propostos (Secção 3), para questão número 1, 98% da turma de fotografia básica relata usar o conhecimento que aprendeu na aula de fotografia atualmente, a turma de fotografia avançada concordou em 88%. A questão número 2, como a resposta foi muito subjetiva, resolvemos não mensurar em dados numéricos. Para a questão número 3, a turma de fotografia básica relata, em 85% dos casos, perceber que o professor de fotografia usa conhecimentos que não são de fotografia nas aulas, mas que mesmo assim contribuem para aula. A turma de fotografia avançada percebeu isso em 100% dos casos. Para a questão número 4, que foi direcionada apenas para a turma de fotografia avançada, 100% dos alunos relatam que as aulas de sombreamento em desenho ajudaram na percepção e desempenho das fotografias *Rembrandt* e *Paramount* (Fig.7).

Fig.7 – Gráficos em pizza sobre o percentual de respostas para as questões 1 (à esquerda) e 3 (à direita) para as turmas de Fotografia básica(1) e Avançada(2).



6 DISCUSSÃO

De acordo com os percentuais observados, os conhecimentos aprendidos na disciplina de fotografia são utilizados pelos alunos em suas rotinas, tanto para os alunos de fotografia básica como de fotografia avançada. Àquela tem como objetivo a compreensão da câmera fotográfica no módulo manual e esta, o uso da iluminação em estúdio. Alunos de ambas as turmas também constataram a aprendizagem de uma percepção estética diferenciada, como pode ser observado nos relatos:

“Sim, estou usando alguns conhecimentos que aprendi ao decorrer das aulas como por exemplo utilizar o ISO, Diafragma e velocidade para uma melhor qualidade fotográfica. Além disso meu modo de ver os ambientes, luzes mudaram após as aulas práticas” – **B. M – Fotografia I**

“Sim, após conhecer as técnicas de sombreamento e a utilização dos flash, tais como as suas posições e potências, ficou prático e técnico alcançar uma determinada captura da foto, fazendo assim com que as fotos possuam a estética certa para uma possível descrição” – **G.P. – Fotografia II**

Em relação à inovação das aulas foi relatado o despertar da curiosidade pela fotografia, assim como o prazer que as aulas práticas proporcionam. A turma de fotografia avançada consegue perceber que a inovação está relacionada com os conhecimentos que vão além da disciplina:

“Vejo que esta disciplina me traz uma nova visão do quão prazeroso é fotografar, todos os conhecimentos apresentado me faz ter curiosidade em buscar mais sobre o assunto, tenho gostado das aulas práticas” – **E. L. – Fotografia I**

“As aulas de fotografia desde o início vêm me ensinando bastante sobre diversas coisas desse meio de arte, não apenas com fotos em si, mas também com esculturas, pinturas e as demais artes. Conheci e aprendi a utilizar técnicas que melhoram e fazem bastante diferença nas fotos” – **M.G. – Fotografia II**

Em relação à percepção de conhecimentos interdisciplinares na disciplina de fotografia, os alunos de fotografia básica já tem a percepção que conhecimentos do mundo da pintura, da ciência, e conhecimentos tácitos do próprio professor são trazidos tanto para as aulas teóricas como práticas. A turma de fotografia avançada, cujo percentual de confirmação foi 100% para a questão 3, percebeu que existe a interligação de outras linguagens da arte com a disciplina e que esses conhecimentos trazem um ganho qualitativo para a aula:

“Sim, isso é perceptível, o professor utiliza alguns conhecimentos usados em pinturas, e também os conhecimentos intuitivos, tácitos e científicos” – **A. P. - Fotografia I**

“O conhecimento da arte é o princípio base para a fotografia, com isso, o professor Danilo tem uma experiência satisfatória e recíproca na hora de repassar seus conhecimentos e

interligá-los a fotografia, tornando as aulas qualitativas e inovando a cada semana” – **G. P.**
– **Fotografia II**

Sobre o reconhecimento da percepção das sombras com o uso do desenho, tornou-se evidente que as atividades realizadas na aula de sombreamento foram úteis para aula de fotografia de sombras. Não só foi relatado que o conhecimento interdisciplinar foi eficiente, como as iluminações durante as aulas práticas foram bem colocadas pelos alunos, como demonstra a Fig. 3. Sobre o conteúdo pertinente ao uso da cor, a mesma turma conseguiu utilizar a relação da complementaridade das cores vermelho e azul nas fotografias nas aulas seguintes, como demonstra a Fig. 8. Alguns alunos relataram que a técnica de desenho ajuda a memorizar as sombras nas iluminações requeridas nas aulas práticas, assim como para a aula de cores:

“Sim. As aulas de desenho para aprendermos sombras. Esse tipo de técnica traz um novo olhar, que não fica restrito apenas ao olhar da câmera. A partir do desenho aprendemos a identificar melhor onde as sombras ficam” – **J. K.** – **Fotografia 2**

“Ajudaram muito. Através da exposição de objetos e colegas facilitou a compreensão e memorização das técnicas de sombras. Também obtivemos na prática uma forma mais clara de entender como funcionam as cores na fotografia, como a compensação de cores e as cores em luz, sendo totalmente diferentes da combinação de cores naturais obtidos através de lápis de pintura” – **T. G.** – **Foto 2**

Fig.8 – Resultado das fotografias sobre o estudo de cores com a turma de fotografia avançada.



Para além da memorização destacamos que a visão de educação aplicada em nossa didática se utilizou da dimensão estética para proporcionar indicativos de uma escola criativa do futuro. Uma escola que dê mais atenção às artes e promova reLigações do conhecimento para que os alunos se sintam mais motivados, intuitivos, sensíveis, empáticos, maduros cognitiva e emocionalmente, e

que se tornem profissionais autorrealizados para aplicar a dimensão holística da criatividade nas suas profissões (MORAES, 2015. pg.143).

7 CONCLUSÃO

Existe uma percepção que conhecimentos interdisciplinares são utilizados nas aulas de fotografia e que esses conhecimentos acrescentam saberes à aula. Estes “soma” foi relatada como facilitadora de memorização do conteúdo para as aulas prática. Os alunos de fotografia Avançada, por serem mais amadurecidos em relação ao conteúdo e já conhecem a metodologia do professor, tiveram uma facilidade maior de reconhecer o uso e a importância de linguagens interdisciplinares nas aulas de fotografia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.C.Q. **Educação pela criatividade**. Recife-PE: Universitária, 1987.

ARHEIN, R. **Arte e percepção visual, uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: pioneira thomson learning, 2005.

BANKS, A. **FRASE, T. O essencial da cor no design**. São Paulo: Senac, 2012.

CARTIER-BRESSON, H. **Ver é um todo**. Entrevistas e conversar 1951-1998. São Paulo-SP: GG Brasil, 2015.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte: os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

GUIMARÃES. **A cor como informação – a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

GREY, CRISTOPHER. **Iluminação em estúdio**. Camboriú-SC: Photos, 2010.

HACKING, J. **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

MORAES, M.C. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação. Fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Campinas-SP: Papirus, 2015.

SAIANI, C. **O valor do conhecimento tácito: a epistemologia de Michael Polany na escola**. São Paulo: escrituras, 2004.

SOUSANIS, N. **Desaplanar**. São Paulo: Veneta, 2017.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003.